

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL DOM BOSCO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DOM BOSCO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**EDUARDA PEREIRA DA SILVA**  
**HELLEN CRISTINA DE MOURA ALMEIDA**

**BENEFÍCIOS DA GINÁSTICA PARA TODOS NA DIMENSÃO**  
**SOCIOAFETIVA DO ALUNO AUTISTA NO PRIMEIRO CICLO DO**  
**ENSINO FUNDAMENTAL**

**RESENDE**

**2021**

**EDUARDA PEREIRA DA SILVA**  
**HELLEN CRISTINA DE MOURA ALMEIDA**

**BENEFÍCIOS DA GINÁSTICA PARA TODOS NA DIMENSÃO  
SOCIOAFETIVA DO ALUNO AUTISTA NO PRIMEIRO CICLO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física, da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Associação Educacional Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Me. Romana Rosas Almada

**RESENDE**

**2021**

Catálogo na fonte  
Biblioteca Central da Associação Educacional Dom Bosco – Resende-RJ

S586 Silva, Eduarda Pereira da  
Benefícios da Ginástica para Todos na dimensão socioafetiva do aluno autista no primeiro ciclo do Ensino Fundamental / Eduarda Pereira da Silva; Hellen Cristina de Moura Almeida - 2021.  
52f.

Orientador: Romana Rosas Almada

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à finalização do curso de Educação Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco da Associação Educacional Dom Bosco.

1. Educação física. 2. Ginástica. 3. Ginástica para Todos. 4. Autismo. 5. Ensino fundamental. I. Almeida, Hellen Cristina de Moura. II. Almada, Romana Rosas. III. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco. IV. Associação Educacional Dom Bosco. V. Título.

CDU 796.41:376.43(043)

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

### **BENEFÍCIOS DA GINÁSTICA PARA TODOS NA DIMENSÃO SOCIOAFETIVA DO ALUNO AUTISTA NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Associação Educacional Dom Bosco, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco, Curso de Licenciatura da Associação Educacional Dom Bosco, como requisito parcial para a Obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

#### **BANCA AVALIADORA:**

---

Prof. Dr. Marcelo Guimarães Silva

---

Prof. Me. Monique Moura Ramos

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Romana Rosas Almada  
(Orientadora)

Resende, 16 de novembro de 2021

## **AGRADECIMENTOS EDUARDA**

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Aos meus pais Solange e Egnaldo e ao meu irmão Edgar, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos familiares tios, tias, primos, avós (principalmente ao avô Cosmo que não se encontra mais presente em nosso meio, mas sei que torce muito por mim de onde quer que esteja) e madrinhas (Cíntia Maralisi e Renata Araújo), por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho, gratidão a todos.

Aos meus chefes Rafael e Jéssica, que sempre me incentivaram e me mostraram os melhores caminhos a serem seguidos, agradeço imensamente a amizade de vocês, são essenciais na minha caminhada profissional.

A minha parceira, chefe e amiga Taize Vasquez por me dar a chance de estagiar e aprender com ela durante esses anos de faculdade, e por me dar a oportunidade de dar aula de ginástica ao seu lado, todos os aprendizados foram e sempre serão inesquecíveis.

A professora Romana, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade, agradeço por ter me dado oportunidades durante minha trajetória acadêmica que me fizeram evoluir, te admiro e me espelho muito em você.

A professora de ginástica Thais Vinciprova, que tenho como exemplo de vida, coragem, determinação desde o início da faculdade e não poderia deixar de agradecer a ela por todo aprendizado.

Agradeço imensamente a minha dupla Hellen Cristina de Moura Almeida, que sempre esteve ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que dedicamos a este trabalho.

Aos amigos em geral com quem convivi ao longo desses anos, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica (me desculpem pelos rolês perdidos) e aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

À Faculdade Dom Bosco, que foi essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos 4 anos do curso e aos professores, pelos ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Obrigada, muito obrigada!

## **AGRADECIMENTOS HELLEN**

“Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?” (Salmos 116:12).

Primeiro, agradeço a Deus, por ter preparado e permitido que tudo acontecesse de uma forma tão única e especial. O Senhor jamais me desamparou.

Nos últimos 4 anos, muitas mudanças aconteceram, e há muitas pessoas especiais que chegaram até a mim durante esse período, vejo como cuidado de Deus.

Obrigada ao meu pai, que sempre me apoiou, com muita fé e batalha, agora podemos comemorar o fim desse ciclo.

Obrigada, mãe, a senhora me ensinou ser forte e lutar pelo que acredito, sem medir esforços.

Obrigada, João, meu namorado, por estar sempre ao lado, me ouvindo, me apoiando e por me dar uma família do coração, que tanto cuida de mim.

Obrigada aos meus pais, João e amigos, por entenderem esse tempo, que foi de muita dedicação e abdição, sei que vocês também abdicaram de muitas coisas para que hoje eu pudesse chegar até aqui.

Obrigada a minha família do coração, que muito cuidam de mim (e até me mimam).

Obrigada a toda minha família, avós, irmãos, primos, madrasta e padrasto, todos vocês, de formas específicas me ajudaram a chegar até aqui.

Obrigada as minhas amigas, mais que especiais, amigas de longa data e amigas que ganhei durante a graduação (vou evitar nomes, para não esquecer ninguém), vocês me ouviram, aconselharam, motivaram e agora comemoram comigo.

Obrigada, Eduarda, minha dupla, concluímos esse trabalho e todos esses anos, foi delicioso poder dividir momentos com você e um prazer desenvolver esse trabalho, é muito gratificante vê-lo pronto.

Obrigada professora Thais Vinciprova, por ter me dado a oportunidade de conhecer a Ginástica e de me abrir portas para viver isto, eterna gratidão.

Obrigada orientadora e professora Romana, você foi essencial para todo esse processo, fico feliz em tê-la nessa trajetória. Você é especial demais!

Gratidão é a palavra que define o que sinto, foram muitas superações, mudanças, medos, inseguranças, mas com a vida de cada anjo que Deus me mandou, aqui estou, terminando esse ciclo, feliz e grata.

Obrigada, obrigada e obrigada! Ainda é começo, muitas conquistas estão por vir!

## RESUMO

A Ginástica Para Todos (GPT) é uma modalidade que garante diversos benefícios ao seu praticante. Por não possuir nenhum tipo de exclusão, ou seja, não há distinção de sexo, faixa etária ou qualquer outra vertente, esta prática é literalmente Para Todos. Além de tudo, não é uma modalidade competitiva, mas sim uma modalidade que visa o bem-estar físico, mental e social do praticante, sendo assim, uma prática bem diferenciada do que costuma ser desenvolvido na escola. O principal objetivo deste trabalho é de investigar os benefícios que a prática da Ginástica para Todos oferece aos alunos autistas nas aulas de Educação Física. O processo metodológico utilizado neste estudo foi uma revisão de literatura, fundamentada em pesquisas bibliográficas. Foram utilizados os sites “SciELO” e “Google acadêmico”; foi utilizada também, a Biblioteca Virtual da Faculdade Dom Bosco. Ao todo foram pesquisadas 58 obras, sendo elas: 30 artigos, 7 documentos, 4 sites oficiais, 2 leis, 1 decreto, 4 monografias, 3 dissertações, 6 livros e 1 tese de doutorado. O período utilizado para embasamento desse trabalho, foi de: 1988 até 2020. Ao longo do trabalho, trazemos evidências que comprovam que a GPT traz diversos benefícios para o aluno autista, principalmente na dimensão socioafetiva.

**Palavras-chave:** Ginástica; GPT; Autismo; TEA; Socioafetivo.



## **ABSTRACT**

Gymnastics for All (GFA) is a modality that guarantees several benefits to its practitioner. As it does not have any type of exclusion, that is, there is no distinction of sex, age group or any other aspect, this practice is literally For All. Above all, it is not a competitive modality, but a modality that aims at the physical, mental and social well-being of the practitioner, thus, a practice well differentiated from what is usually developed at school. The main objective of this work is to investigate the benefits that the practice of Gymnastics for All offers autistic students in Physical Education classes. The methodological process used in this study was a literature review, based on bibliographic research. The “SciELO” and “Academic Google” sites were used; the Virtual Library of Faculdade Dom Bosco was also used. In all, 58 works were researched, namely: 30 articles, 7 documents, 4 official websites, 2 laws, 1 decree, 4 monographs, 3 dissertations, 6 books and 1 doctoral thesis. The period used to support this work was from: 1988 to 2020. Throughout the work, we bring evidence that proves that GFA brings several benefits to the autistic student, mainly in the socio-affective dimension.

**Keywords:** Gymnastic; GFA; Autism; ASD; Socio-affective.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	11
1.2 OBJETIVOS.....	12
1.2.1 Objetivo Geral .....	12
1.2.2 Objetivos Específicos.....	12
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>14</b>
3.1 Base Nacional Comum Curricular - BNCC .....	14
3.1.1 A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular .....	16
3.1.2 Ginástica na Base Nacional Comum Curricular.....	18
<b>3.2 Ginástica.....</b>	<b>21</b>
3.2.1 <i>Ginástica Para Todos</i> .....	22
3.2.2 <i>História da Ginástica para Todos</i> .....	25
3.2.3 <i>Ginástica Para Todos na Escola</i> .....	28
3.2.4 <i>Ginástica e a deficiência</i> .....	30
3.3 <i>Deficiência e Autismo</i> .....	32
3.3.1 <i>O que é Autismo e quais suas características</i> .....	34
3.3.2 <i>O Autismo e a Escola</i> .....	36
3.3.3 <i>O Autismo e a GPT</i> .....	39
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar é um pilar importante para o desenvolvimento integral dos alunos, apesar de sempre lembrarmos inicialmente do desenvolvimento motor (as vezes até de forma isolada das outras dimensões). A vivência sempre está regada de caminhos para o desenvolvimento do raciocínio, resolução de problemas, de virtudes e valores, principalmente, relacionados a dimensão socioafetiva, trazendo mudanças positivas no relacionamento intrapessoal e interpessoal, como também desenvolve a cooperação, respeito e empatia.

Até a década de 70, a educação especial foi constituída num sistema diferente da educação geral, baseado em segregação, no qual acreditavam que com escolas especiais e classes especiais atenderiam melhor aos alunos, até que por diversos motivos, surgiu a base para a unificação (MENDES, 2006).

No Brasil, é possível encontrar iniciativas de educação especial desde o século XIX, mas todas são iniciativas que não estão incluídas no sistema da educação geral. O Brasil ainda está em processo de inclusão da educação especial na educação regular, mas ainda é necessário que ocorra otimização. Os alunos que têm acesso, às vezes, ainda acabam não recebendo a educação apropriada, por falta de capacitação profissional, falta de recursos e até mesmo de infraestrutura (MENDES, 2006).

É fato que o esporte traz benefícios para a inclusão de alunos especiais, desde que os objetivos, metodologias e infraestrutura apropriada para que todos tenham acesso à prática, para que dessa forma ocorra a socialização, caso haja falha nesse processo, pode ocorrer o contrário, a exclusão (MARTINS et al., 2002).

Atualmente, temos um documento normativo, que é a BNCC, que traz conteúdos a serem desenvolvidos durante as aulas, de acordo com a série e faixa etária. No conteúdo da Educação Física, a Ginástica Geral (como era conhecida antigamente; hoje usamos a nomenclatura Ginástica para Todos) é tida como obrigatório no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano.

A BNCC está a convidar para o combate ao preconceito, ao tratamento desigual de gênero, de etnia, religião, classe social, ou qualquer condição de vida e cultura, pois

está comprometida com a democracia, com a sustentabilidade, com a segurança e com a saúde coletiva (BNCC, 2018).

A Ginástica para Todos (GPT) oferece muitas possibilidades de prática, que independem da idade, habilidade ou qualquer outro motivo. Além disso, a GPT contribui para a saúde, assim como para o bem-estar físico, intelectual, psicológico, afetivo e social (THOMAS, 2018).

A GPT é uma prática que engloba movimentos diversos, desde movimentos tradicionais, até alcançar coisas inovadoras, o que torna a prática irrestrita, ou seja, pode ser praticada por todos, não motivo para exclusão a idade, habilidade e aspectos sócios culturais. A GPT contribui para a saúde, performance e bem-estar, físico, social, intelectual e psicológico (THOMAS, 2018).

Durante toda a discussão, será investigado os benefícios que a prática da Ginástica para Todos no primeiro ciclo do ensino fundamental traz para os alunos autistas na dimensão socioafetiva.

## **1.1 JUSTIFICATIVA**

A Ginástica Para Todos (GPT) é uma modalidade que garante diversos benefícios ao seu praticante. Por não possuir nenhum tipo de exclusão, como está no nome: para todos, ou seja, não há distinção de sexo, faixa etária ou qualquer outra vertente. Além de tudo, não é uma modalidade competitiva, mas sim uma modalidade que visa o bem-estar físico, mental e social do praticante, sendo assim, uma prática bem diferenciada do que costuma ser desenvolvido na escola (SANTOS et al., 2018; BRASIL, 2018).

Diferentes estudos sobre as ginásticas estão em constante crescimento, embora ainda em um ritmo menos acelerado, se comparado a outros conhecimentos da área. Porém, ainda é difícil encontrar estudos específicos quando o assunto é a ginástica e a inclusão. Sendo assim, tratar do espectro autista dentro do trabalho da GPT na Educação Física Escolar torna-se algo inovador e possível, visto que a modalidade não possui restrições para sua prática. Vale evidenciar que a prática traz benefícios a todos os níveis do autismo, mas de acordo como cada nível o tempo de desenvolvimento, as atividades aplicadas e os métodos devem estar adequados, pois em casos de nível grave, esse trabalho será executado com maior cautela, tempo e respeitando principalmente, a

limitação de cada um. Acreditamos que esse tema poderá auxiliar os professores e contribuir para o meio acadêmico ampliando as possibilidades de trabalho com esse público que está cada vez mais presente nas escolas.

## **1.2 OBJETIVOS**

### ***1.2.1 Objetivo Geral***

Investigar os benefícios que a prática da Ginástica para Todos oferece aos alunos autistas nas aulas de Educação Física.

### ***1.2.2 Objetivos Específicos***

Analisar e discutir os limites e possibilidades dos envolvidos na realização da Ginástica para Todos;

Evidenciar a importância da prática da Ginástica para Todos por meio dos conteúdos obrigatórios da BNCC.

Apresentar os benefícios da prática da Ginástica para Todos para a dimensão socioafetiva.

## 2. METODOLOGIA

O processo metodológico que está sendo aplicado no atual estudo será uma revisão de literatura, fundamentada em pesquisas bibliográficas. A revisão de literatura é caracterizada por uma sinopse completa, que traz informações e embasamento teórico para o tema, por meio de referências, estruturado em uma sequência lógica (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Para a revisão bibliográfica, foram utilizados os sites “SciELO” e “Google acadêmico”; foi utilizada também, a Biblioteca Virtual da Faculdade Dom Bosco. Os arquivos utilizados são classificados como: livros, artigos, teses, dissertações, publicações e monografias.

Ao todo foram pesquisadas 58 obras: 30 artigos, 7 documentos, 4 sites oficiais, 2 leis, 1 decreto, 4 monografias, 3 dissertações, 6 livros e 1 tese de doutorado. O período utilizado para embasamento desse trabalho, foi de: 1988 até 2020.

O número de obras final se deu por conta da escassez de conteúdo na área que envolve a Ginástica para Todos e deficiência, em específico, o autismo. Através das palavras chaves ocorreram as pesquisas e foi-se filtrado e aproveitado o máximo de informações e dados que corroboravam para a conclusão de quais os benefícios encontramos para o público alvo (autistas), dentro da modalidade GPT.

A pesquisa se sucedeu dentro das plataformas de pesquisa, através das palavras-chaves: autismo, ginástica para todos, BNCC, dimensão socioafetiva, educação física escolar; e a finalidade era de responder à questão problema: **Quais os benefícios da prática escolar da Ginástica para Todos na dimensão socioafetiva para o aluno autista?**

### **3. REVISÃO DE LITERATURA**

#### **3.1 Base Nacional Comum Curricular - BNCC**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é considerada uma extensão do Plano Nacional de Educação (PNE), por ser um documento bem definido, onde estão explícitos os objetivos e como deve ser desenvolvido, tendo como objetivo a qualidade educacional (FILIPE; SILVA; COSTA, 2019).

Sua finalidade principal além de reger e nortear, é, principalmente, nivelar a educação do país, sendo também uma ferramenta para garantir a qualidade do ensino; direito esse, de todos os alunos (BRASIL, 2018).

No artigo nº 205 da Constituição Federal de 1988, no capítulo “da educação, da cultura e desporto”, é definido que a educação é um direito de todos e que essa responsabilidade cabe à família e ao Estado (BRASIL, 1988).

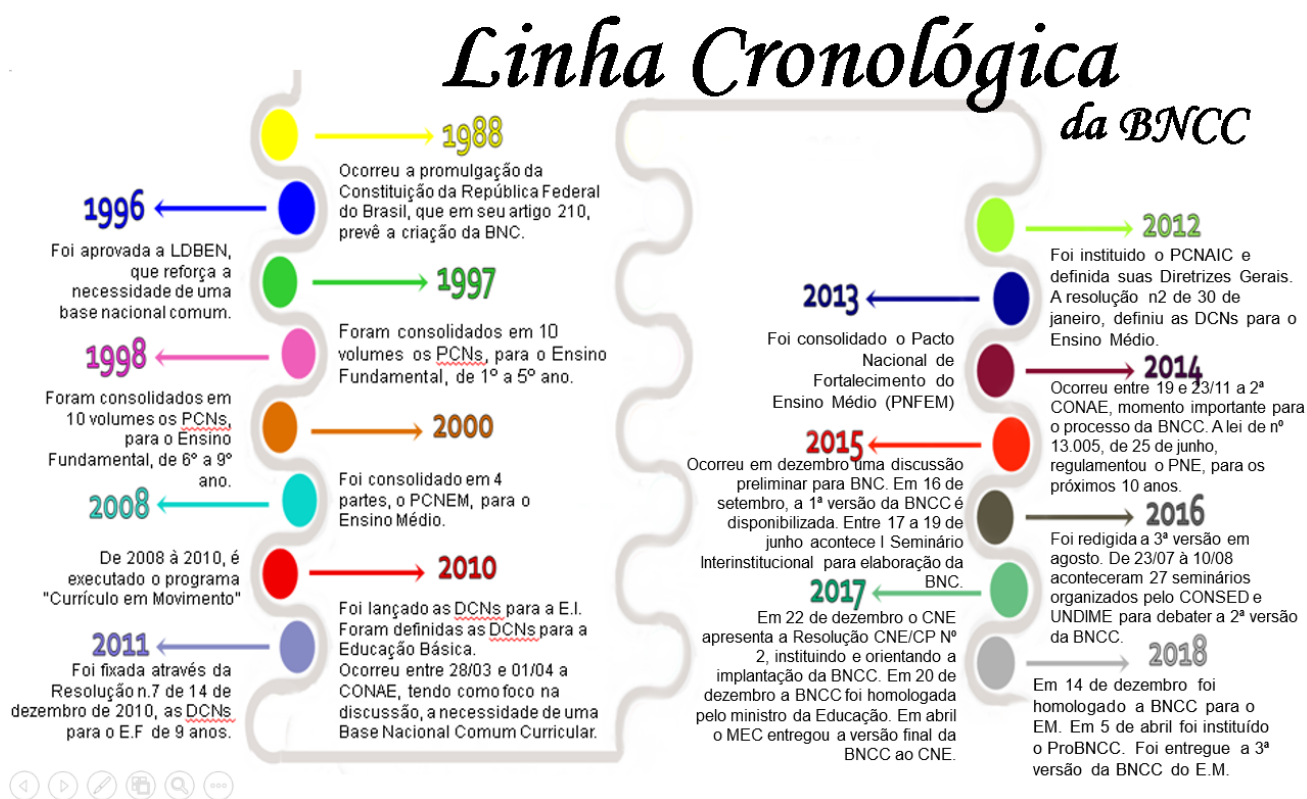
Atualmente, a BNCC se tornou referência e deve estar implantada ou em processo de implantação nas escolas brasileiras, ela conta com dez competências gerais, que devem ser desenvolvidas durante o período da Educação Básica (do Ensino Infantil ao Ensino Médio); essas competências têm por finalidade a aprendizagem e desenvolvimento humano, além de uma formação humana que esteja correlacionada com a construção de uma sociedade justa, inclusiva e democrática (BRASIL, 2018).

“Competência” é definida como um conjunto de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes, valor e valores; que tem por finalidade a construção de um ser humano e cidadão (BRASIL, 2018).

Em sinergia com a Lei de Diretrizes e a Base da Educação Nacional (LDB, lei nº 9.394/1996), a BNCC, tem como dever de conduzir o currículo para as redes e sistemas de ensino das unidades federativas, assim como deve reger propostas pedagógicas para as escolas privadas e públicas de Ensino Básico de todo país (BRASIL, 2018).

É reconhecido pela BNCC, assim como a LDB e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), o compromisso com relação a formação e desenvolvimento humano de forma integral, em todas as suas dimensões: físicas, afetivas, sociais, morais, intelectuais e éticos (BRASIL, 2018).

FIGURA 01 - Linha Cronológica Da BNCC



**FONTE:** As Autoras (2021)

A Base foi constituída num processo de três versões: a primeira foi em 2015 (mês de julho) e até 2016 estava em aberta para discussão; a segunda versão ficou disponível em 2016 (mês de maio); a terceira e última, foi disponibilizada no ano de 2017 (abril) e homologada em 20 de dezembro, após ter passado pelo Conselho Nacional de Educação (FILIPE; SILVA; COSTA, 2019).

Assim como a BNCC evidência, a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, traz pontos importantes em relação a aprendizagem:

Deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo (UNESCO, 1990, art.1).



## A Base Nacional Comum Curricular:

Aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)<sup>1</sup>, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 7).

O Conselho Nacional de Educação (CNE), é quem realiza as audiências de discussão pública dos documentos da BNCC. Em 2017 foram realizadas as audiências referentes aos documentos das etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Somente em 2018 que ocorreu a reunião de discussão pública para o documento da etapa do Ensino Médio (BRASIL, 2018).

A BNCC é um documento de extrema relevância e seus objetivos, competências e habilidades estão relacionados diretamente com a aprendizagem, com a intenção de que sejam dadas as mesmas condições, a fim de superar as expectativas relacionados ao ensino no país, e com isso, fazer com que o Brasil avance nesse sentido. Após a homologação, é chegado o momento de implementar isso em todos os ambientes escolares (BRASIL, 2018).

“Por se constituir em uma política nacional, a implementação da BNCC requer, ainda, o monitoramento pelo MEC em colaboração com os organismos nacionais da área – CNE, Consed e Undime” (BRASIL, 2018, p. 21).

### ***3.1.1 A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular***

A Educação Física é articulada à área de Linguagens, com suas singularidades resguardadas, conforme está descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010) (BRASIL, 2018).

De acordo com Ladeira e Darido (2003) é no âmbito escolar que se admite a grande necessidade de se aprender todas as linguagens, para a formação de conhecimentos e das semelhanças que formam os alunos, criando desta forma as suas raízes. Sendo que ocorrerá nas aulas de Educação Física (EF) os primeiros passos do aluno na produção textual e a ler diferentes textos corporais; onde colocarão em pratica as suas interpretações

da dança em suas manifestações, o jogo, as lutas e suas expressões e da ginástica compreendendo que todos fazem parte da cultura corporal de movimento.

Dentro da BNCC, a Educação Física é composta por um conjunto de matérias (componentes curriculares) que estão relacionadas as práticas corporais e todas as suas formas, todas aquelas que já foram produzidas por grupos ou sujeitos durante a história (BRASIL, 2018).

São classificados em três os elementos fundamentais relacionadas à prática corporal: movimento corporal (esse é o elemento essencial), organização interna e produto cultural (BRASIL, 2018).

Daolio (2002), exemplifica dizendo que a Educação Física Escolar necessita trabalhar os blocos de conteúdo, de forma resumida dentro do jogo, ginástica, dança, luta e esporte, em todas as séries e escolas, tendo em mente, todas as qualidades e as suas significações acerca das manifestações presentes em cada um dos blocos e em seus diversos ambientes que serão trabalhados, esta inclusão se dá para tornar o professor, de um simples executor de suas propostas até a um aplicador de atividades, fazendo com que ele seja um mediador de conhecimentos. Abaixo se encontra nos termos do próprio autor:

Um programa de aulas que imponha que o basquetebol deva ser ensinado a partir da quinta série, no segundo bimestre do ano, seguindo a mesma estrutura pedagógica tida como universal, estará, no mínimo, desconsiderando as especificidades locais. Não estará respeitando a tradição histórica e a dinâmica cultural do grupo (DAOLIO, 2002, p.18-19).

É de responsabilidade da Educação Física oferecer uma vasta experiência motora para todos que se encontram na Educação Básica (crianças, jovens e adultos), a fim de que essas oportunidades tragam saberes corporais, emocionais, lúdicos, além das experiências estéticas (BRASIL, 2018).

De acordo com a história, alguns teóricos no campo da EF estão abordando a necessidade de uma organização curricular que aponte quais os subsídios da cultura corporal devem ser tratados na Educação Básica em sua “complexidade” e “criticidade” (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2013).

A Educação Física na BNCC é composta por seis unidades temáticas: Brincadeiras e jogos, Esportes (de marca, de precisão, técnico-combinatório, de rede-quadra dividida

ou parede de rebote), práticas corporais de aventura, lutas, danças e ginásticas (BRASIL, 2018).

As competências da Educação Física, certamente anseiam que os alunos entendam, aprendam, apreciem, e sintam as diversas formas de cultura corporal de movimentos, buscando ampliar de certa forma as suas práticas corporais, compreendendo que as práticas vão muito além do que nos é apresentado é uma forma de expressão através da cultura histórica. Seguindo nesta lógica, Bracht (2007) esclarece sobre essa relação de corpo, cultura e movimento:

[...] o movimentar-se é entendido como forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas, também, possibilitada por ela. É uma linguagem, com especificidade, é claro, mas que, enquanto cultura habita o mundo do simbólico. A naturalização do objeto da EF, por outro lado, seja alocando-o no plano do biológico ou do psicológico, retira dele o caráter histórico e com isso sua marca social. Ora, o que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido/significado do mover-se, sentido/ significado mediado simbolicamente e que o coloca no plano da cultura (BRACHT, 2007, p. 45).

“Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” (BRASIL, 2018, p. 213).

“Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde” (BRASIL, 2018, p. 213).

Deste modo, consideramos a EF como “[...] um campo de conhecimento que se sustenta a partir dos aprendizados históricos, socialmente produzidas, cientificamente estudadas e investigadas e, criativamente, ensinadas de geração a geração, referentes à cultura corporal” (TAFFAREL et al., 2006, p. 161).

### ***3.1.2 Ginástica na Base Nacional Comum Curricular***

A BNCC, é o documento oficial utilizado para nortear a educação brasileira, ela organizou alguns conteúdos da cultura corporal de movimentos a seguir mostra a divisão para o 1º ao 5º ano do primeiro ciclo do ensino fundamental (BRASIL, 2018):

**Quadro 1** - Educação Física no ensino fundamental – anos iniciais unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades.

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
	1º E 2º ANOS	3º AO 5º ANO
<b>Brincadeiras e jogos</b>	Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional	Brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo Brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana
<b>Esportes</b>	Esportes de marca Esportes de precisão	Esportes de campo e taco Esportes de rede/parede Esportes de invasão
<b>Ginásticas</b>	Ginástica geral	Ginástica geral
<b>Danças</b>	Danças do contexto comunitário e regional	Danças do Brasil e do mundo Danças de matriz indígena e africana
<b>Lutas</b>		Lutas do contexto comunitário e regional Lutas de matriz indígena e africana
<b>Práticas corporais de aventura</b>		

**FONTE:** Brasil (2018, p. 225)

De acordo com a BNCC, a Ginástica deve ser trabalhada em toda a Educação Básica. Entretanto, somente no primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) a Ginástica está como conteúdo obrigatório. Dentre todas as possibilidades de Ginástica, a única definida para este ciclo, é a Ginástica Geral (GG), atualmente conhecida como Ginástica para Todos (GPT). (HENRIQUE, 2018).

As modalidades gímnicas de acordo com a BNCC são práticas nas quais necessita-se de classificação, por apresentarem formas diferentes de execução. Elas se classificam por: ginástica geral, ginástica de condicionamento físico e ginástica de conscientização corporal (BRASIL, 2018).

A Ginástica apesar de ser um conteúdo obrigatório de acordo com a BNCC, não é comum de ser visto nas escolas; isso está relacionado a dificuldade dos professores em aplicar este conteúdo, seja pela falta de conhecimento ou pela falta de estrutura (COSTA; GOMES, 2020).

As demais ginástica consideradas competitivas foram designadas como práticas esportivas, sendo assim, estão incluídas na unidade temática Esportes juntamente de outras modalidades técnico-combinatórias. Este esporte visa a execução da sua performance referente ao desempenho, mirando em sua estética na realização dos movimentos, onde são explorados muito da técnica. Desta forma, compõem as modalidades: ginástica acrobática, trampolim, aeróbica esportiva, artística, rítmica e o Parkour (BRASIL, 2018).

A implementação da Ginástica na Educação Física Escolar deve estar além do ensino de movimentos, técnicas da modalidade e seus fundamentos, sua prática deve trazer relevância e conter significado para a vida do aluno (FRANCISCO, 2020).

A GPT de acordo com a BNCC, menciona que a participação na modalidade deve ser observada, para que identifiquem a capacidade de cada corpo, respeitando a necessidade de cada aluno em suas individualidades nas execuções corporais, já que suas potencialidades são diferentes a cada pessoa (BRASIL, 2018).

Daolio (2017) explana sobre a necessidade de que essa modalidade seja trabalhada, pensando nos inúmeros benefícios que a prática de Ginástica no ambiente escolar traz para os alunos, desde os mais básicos até os mais complexos; além de ser uma experiência positiva nos âmbitos sociais, afetivos e até mesmo criativos (apud COSTA; GOMES, 2020).

De acordo com Brasil (2018, p. 495), a ginástica é capaz de “Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.”

A Ginástica é uma ferramenta para o desenvolvimento da dimensão afetiva, apesar de sua prática ter execuções individuais, em algumas situações são realizadas atividades em grupos, o que auxilia na aquisição de princípios e valores, ou seja, auxiliam na formação pessoal do aluno (HENRIQUE, 2018).

O significado da prática da Ginástica se dará através das experiências motoras e dos desafios que o acompanham, o que auxiliará não somente na evolução motora, mas também na formação humana; de forma que o aluno conheça seu corpo, crie consciência corporal e seja capaz de reproduzir movimentos gímnicos e até mesmo buscar novos significados e alternativas para prática (FRANCISCO, 2020).

### 3.2 Ginástica

Na pré-história, a atividade física tinha relação direta com a sobrevivência, quando era necessário atacar e se defender. O exercício físico com caráter utilitário e rudimentar era compartilhado de geração a geração e estava presente em festas, rituais e em jogos (SOUZA, 1997).

O termo “Ginástica” inicialmente estava relacionado a qualquer atividade física estruturada, essa denominação acompanhou as variações de luta, atletismo e até mesmo a preparação de soldados (SOUZA, 1997).

A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a maior, que tem mais poder, influência e é a mais antiga instituição na área de Ginástica, ela é codependente do Comitê Olímpico Internacional (COI). A FIG tem como finalidade organizar, direcionar, regulamentar e promover eventos de Ginástica (SOUZA, 1997).

Como prática institucionalizada, a Ginástica possui a seguinte organização: Federação Internacional de Ginástica, que a nível internacional organiza, regulamenta e promove campeonatos, concursos e festivais e cursos de formação de treinadores, descrevendo a si mesma como o “corpo governante da Ginástica no mundo todo. (FIG, 2018 apud CARVALHO, 2018, p. 14).

A estrutura da ginástica no mundo segundo Souza (1997, p. 29):

Para a melhor compreensão do universo da Ginástica, faz-se necessário, analisar sua estrutura organizacional em nível mundial. A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a organização mais antiga e com maior abrangência internacional na área da Ginástica. Está subordinada ao Comitê Olímpico Internacional (COI), sendo responsável pelas modalidades gímnicas que são comprometidas nos Jogos Olímpicos. É, portanto, a Federação com maior poder e influência na Ginástica mundial.

A FIG regulamenta em todo o mundo, oito esportes sendo eles: Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica, Ginástica Artística Feminina, Ginástica Artística

Masculina, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Ginástica Para Todos e o Parkour (CARVALHO, 2018).

Se tratando da escola, a ginástica se uniu ao início da 1ª escola de E.F Brasileira, que foi criada no dia 03 de março de 1910, que tinha como diretor o Capitão Delphin Balancior; as primeiras modalidades a serem ministradas foram esgrima e a ginástica (RAMOS; VIANA, 2008).

Atualmente a prática da ginástica na escola tem sido pauta para muita discussão, a BNCC já a tem como conteúdo obrigatório. A prática traz consigo fatores essenciais para o indivíduo, pois contribui efetivamente para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicológico, social etc. (JUNIOR, 2016).

### **3.2.1 *Ginástica Para Todos***

Em 2007, a Ginástica Geral ou apenas GG passou por alterações em sua nomenclatura, passando a ser chamada de Ginástica Para Todos (GPT), a proposta desta mudança foi de facilitar o seu entendimento, ser a base para as demais ginásticas, e proporcionar que todos participem da modalidade mesmo que apenas para o lazer. (CARVALHO et. al., 2016).

As Ginásticas são divididas em alguns tipos: de Condicionamento Físico, de competição, Fisioterápicas, de Conscientização e de Demonstração. A GPT é a principal representante da Ginástica de Demonstração por ser uma atividade não competitiva e que tem grande valor em relação a interação social; além de ter benefícios nos aspectos motor, afetivo e cognitivo (SOUZA, 1997).

De acordo com o Grupo de Pesquisa em Ginástica FEF/Unicamp, a GPT é um compilado de manifestações corporais, formada por diversas perspectivas e versões da Ginástica, sendo integrada de forma criativa e livre (SOUZA, 2016).

Segundo Souza (1997) a GPT é uma das sete modalidades gímnicas que são regulamentadas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Onde seis destas modalidades atuam como competitivas e somente a GPT é considerada uma modalidade de demonstração (não competitiva).

Antes de 2017 eram ao total 07 ginásticas que a FIG regulamentava, sendo elas: Ginástica Acrobática (GAC), Ginástica Aeróbica (GAE), Ginástica Artística Feminina (GAF), Ginástica Artística Masculina (GAM), Ginástica Rítmica (GR), Ginástica de

Trampolim (GTR) e Ginástica para Todos (GPT). No início do ano de 2017, o Parkour foi considerado também como ginástica, tendo como um total, 08 ginásticas, e desde então vem ganhando o seu espaço na federação como modalidade competitiva. Considerando a GPT como base para as demais ginásticas, ela se encaixa de forma impecável no ambiente escolar por suas diversas qualidades de execução e seus benefícios (CARVALHO, 2018).

A Ginástica para Todos possui algumas metas, como: fornece uma prática prazerosa, o bem-estar, a união, estimula a criatividade e proporciona saúde ao praticante, seja ao se comunicar com outras pessoas e fazer amizades, seja literalmente ligada à prática de atividade física ou até mesmo a diminuição do estresse, que é muito comum estar presente diariamente na vida atual (SOUZA, 1997).

A GPT proporciona que todos participem da modalidade, sem exceções tendo em vista que ela não possui competitividade, a sua prática é para todos, sendo assim, a quantidade de participantes não interfere a sua prática (BRASIL, 2018).

Uma das suas principais propostas da GPT é fazer com que sejam um grande grupo, proporcionando que todos participem priorizando o praticar através da troca de experiências, havendo em todo o momento uma vivência das realidades humanas, por meio de um grande grupo de GPT. (MORENO; TSUKAMOTO, 2018)

De acordo com Souza (1997), a GPT é uma atividade gímnica, proposta e encaminhada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Os seus fundamentos estão relacionados aos da Ginástica, por estar condicionada aos fundamentos da Ginástica, por ter características e modificações de acordo com o povo que a prática, pode ser considerada um fenômeno cultural.

A Ginástica para Todos é a modalidade que explora a prática de acrobacias e expressões corporais. Através disso, a interação social é otimizada, os ensinamentos são compartilhados e a competitividade não é foco. A GPT é constituída e pode ser praticada e trabalhada de algumas formas (ou todas), sendo elas: no solo (onde são realizadas as acrobacias), no ar (onde são realizados os saltos), em aparelhos (corda, fitas, bolas); diante dessas possibilidades, são desenvolvidas diversas piruetas, rolamentos, pontes, pirâmides, parada de mãos etc., podendo contar até com ações relacionadas ao malabarismo. A prática pode ser de forma coletiva ou individual (BRASIL, 2018).

A GPT é uma prática que ficou conhecida através dos profissionais de Educação Física, dentro das escolas, em clubes e até mesmo em projetos elaborados para a sociedade. Sendo assim, ela se articula com valores culturais além de ser uma prática que



contém uma variedade de aplicabilidade, ela pode se integrar com diferentes idades, todos os gêneros e não se faz necessário que tenha habilidades específicas (FIG, 2021).

De acordo com a FIG (2021), a GPT é um esporte que promove aos que praticam bem-estar, saúde e ainda faz com que todos interajam entre si, a sua execução é tão completa que pode ou não conter aparelhos e eles podem ser adaptados para a realidade de cada praticante, a FIG se distingue de qualquer outra Federação pelo fato de ser a única que, em toda sua organização, há uma modalidade não competitiva.

Esta modalidade gímnica, a GPT, deve ser considerada como uma modalidade de grande privilégio, principalmente no ambiente escolar, por ter como principal objetivo a socialização, solidariedade, identificação e alinhamento social, ou seja, está totalmente ligada à vida social; por meio de sua prática, que é criativa e espontânea e está totalmente ligada às relações interpessoais, são geradas valores como a liberdade e a autonomia, valores esses que auxiliam na relação dos grupos e potencializa a comunicação (OLIVEIRA; LOURDES, 2006).

A GPT é de extremo valor educacional, considerando que sua execução é composta por aspectos sociais, recreativos e que geram saúde; além de ser um grande estímulo para a criatividade e ser totalmente inclusiva, ou seja, não importa a raça, condição social, sexo, condicionamento físico ou se quer idade, é uma prática abrangente, onde qualquer indivíduo pode participar (SOUZA, 1997).

Ainda segundo Souza (1997), a GPT é totalmente alinhada aos objetivos das escolas, atualmente, já é obrigatório a vivência escolar da modalidade de acordo com a BNCC.

A GPT é a modalidade que une todas as práticas das ginásticas, sendo assim, é uma experiência riquíssima para o repertório motor do aluno, além de incluir outros elementos da cultura corporal (HENRIQUE, 2018).

No ambiente escolar (durante aulas de Educação Física ou como atividade extracurricular), a GPT deve ter como preocupação se todos participam das aulas, podendo assim experimentar de seus movimentos, técnicas e principalmente, da experimentação social presente; as aulas devem ser inclusivas e não deve ocorrer seleções ou qualquer coisa que se aproxime de competições. Infelizmente, a prática da GPT nas escolas tem sido escassa, o motivo podem ser vários, mas comumente são: falta de conhecimento dos professores; falta de estrutura; resistência dos alunos; acomodação dos professores em relação a outras modalidades esportivas que já são mais conhecidas (MUNIZ; CONCEIÇÃO, 2016).

Quanto aos aparelhos (podem ser de pequeno ou grande porte), é preciso sempre estar buscando por objetos que possam ser utilizados na GPT, como um novo aparelho; ou até mesmo, ser utilizado como materiais alternativos para a confecção dos aparelhos. Dentro da GPT, pode-se e usa-se materiais alternativos, o que vem a ser uma alternativa para a realidade de muitos ambientes (escolares ou não) onde não há materiais disponíveis (SOUZA, 2016).

As coreografias podem ser pequenas, grandes ou médias (em questão de espaço), além das pessoas, estão em destaque os movimentos, as formações, qual a música, o tema, quais materiais estão sendo utilizadas, e até mesmo, o figurino; a GPT pode ser reproduzida com coreografias sem aparelho, mas, tem sido muito comum a prática com materiais (até mesmo alternativos), pois com a utilização dos mesmos, é possível desenvolver a criatividade e situações e visuais inesperados (SOUZA, 2016).

É necessário evidenciar que a GPT é composta (principalmente) pelo aspecto lúdico, pois não há regras muito rígidas, o que facilita a participação de todos; a quantidade de possibilidades e liberdade de gestos, vai envolver pessoas de todos os níveis (SOUZA, 1997).

Durante as aulas, existem diversas possibilidades e caminhos, dentro de uma aula, pode ser utilizado os jogos, confecção de materiais, atividades em grupo ou individual, utilizar músicas, utilizar diversos materiais que estão presente no cotidiano, entre outras milhares de possibilidades (RAMOS; VIANA, 2008).

Além de todos os benefícios já citados, a GPT pode ser utilizada na escola para quebrar preconceitos e paradigmas impostos da sociedade, em relação a ter o corpo perfeito e em relação aos esportes competitivos de alto rendimento (RAMOS; VIANA, 2008).

A GPT pode ser vista até mesmo como uma ferramenta para integração social (de crianças, adolescentes e jovens que são colocados à “margem” da sociedade), uma vez que tem características inclusivas, onde não há exclusão e se trabalha muito a cooperação (KAUFFMAN, et al., 2016).

### ***3.2.2 História da Ginástica para Todos***

Há 4.000 atrás, na China, já se praticava ginástica a fim de buscar saúde e uma vida longa. Para os Romanos, servia como preparação de seus soldados, enquanto na Grécia antiga se celebrava a perfeição do físico humano. A ginástica nesse período era

praticada por homens e por mulheres. Na Grécia Antiga, a prática da Ginástica era tão valorizada, que era uma das modalidades praticadas nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, que junto com o atletismo, torna-se um dos mais antigos esportes do mundo (FIG, 2021).

Nicolas Cururus, fundador da FIG (esse fato ocorreu em 1881), via a Ginástica como uma atividade proveitosa para o corpo e a mente. Ele compartilhou essa ideia com alguns sócios, mas a integração da ginástica em ambientes competitivos foi lenta, e ocorreu no primeiro torneio internacional realizado em Antuérpia, em 1903. Este evento atualmente reconhecido como o primeiro Campeonato Mundial de Ginástica Artística (FIG, 2021).

Apesar de sua dimensão competitiva, a ideia de Cupérus em relação a uma “ginástica para a massa” não desapareceu. Ele cultivou a sua ideologia no esporte, que era facilitar a coesão social em pleno século 19, onde passava-se por diversas modificações industriais e políticas. A ideia foi compartilhada e cultivada pelos fundadores da atividade, como por exemplo, Johann Heinrich Pestalozzi, Jean-Jacques Rousseau, Friedrich Ludwig Jahn e Per Henrik Ling (FIG, 2021).

Ouvimos sempre que a história da ginástica tem início com a colonização dos alemães por conta das atitudes de Johann Friedrich Ludwig Jahn, que está entrelaçado as raízes da ginástica e nasceu na Alemanha Oriental (um Estado que existiu entre 1949 e 1990, também chamado de República Democrática Alemã). Johann é conhecido mundialmente como o “Pai da Ginástica Olímpica” (CBG, 2021).

Há vários colaboradores que merecem destaque na história da GPT (no âmbito global) como Jahn e Bode na Alemanha, Ling na Suécia, os Sokol na antiga República Tcheca e Amorós na França (THOMAS, 2018).

O primeiro marco importante da GPT foi no ano de 1818, quando ocorreu o primeiro Festival Alemão de Ginástica, onde se iniciou toda a propagação desta modalidade. Outro marco importante foi no ano de 1949, na II Ligiada, que ocorreu na Suécia, que foi um passo definitivo e marcante para a institucionalização da GPT, como uma apresentação da proposta da Gymnaestrada (um evento mundial da FIG para a GPT). Desde então, já existia um grande movimento que envolvia a GPT, mas somente em 1984 que foi criado o Comitê da GPT da FIG (THOMAS, 2018).

A história da Ginástica Artística foi registrada pelo professor Nestor Soares Púbio em seu livro chamado “Evolução Histórica da Ginástica Olímpica”. Lá é descrito que a consolidação da Ginástica, em 1951, gerou consequências essenciais para que grandes

mudanças ocorressem. Nesse mesmo ano, a Ginástica foi filiada a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e realizou seu primeiro Campeonato Nacional em São Paulo, além de ter conseguido a filiação a Federação Internacional de Ginástica (FIG), entidade que regulamenta as ginásticas (CBG, 2021).

Após a realização da 1ª Gymnaestrada, em 1953, a professora Ilona Peuker chega ao Brasil. Professora especialista em “Ginástica Moderna”, ministrou diversos cursos por todo o país, o que está totalmente ligado a expansão da prática no país. Durante essa expansão, a especialista percebeu o potencial do povo e da cultura para desenvolver a “Ginástica Geral” baseada na “Ginástica Moderna”, que inicialmente era praticada somente por mulheres. Ela juntou elementos da nossa cultura e desenvolveu seu trabalho, elaborando até coreografias com materiais encontrados característicos do nosso país, como pandeiros, agogôs, atabaques, cascas de coco, entre outros elementos que não era utilizados na Ginástica Tradicional (THOMAS, 2018).

Em 1956, foi fundado pela professora Ilona o primeiro grupo brasileiro de GPT, chamado: Grupo Unido de Ginastas (G.U.G.) no Rio de Janeiro. O trabalho com esse grupo estava relacionado à utilização da criatividade, da nossa cultura e da mulher brasileira. A primeira apresentação internacional que o Brasil participou foi a 2ª Gymnaestrada, em 1957, em Zagreb, Iugoslávia (THOMAS, 2018).

De acordo com esses fatos, iniciou-se um novo momento na história da Ginástica. A cada ano, a Ginástica crescia mais com o trabalho incansável desenvolvido entre 1951-1978. Durante esse período, houve diversas conquistas, novos métodos e práticas, que envolveu muitos colaboradores que acreditavam nessa modalidade (CBG, 2021).

Acreditaram e batalharam por criar uma entidade especializada e independente, que guardasse valores dos antepassados, e que visualizasse e efetuasse um futuro de grandes conquistas. E assim surgiu a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), em 25 de novembro de 1978, tendo como o primeiro presidente o Dr. Siegfried Fischer (CBG, 2021).

Em 1986, a Ginástica para Todos (ainda chamada de GG) foi oficialmente incluída na CBG, e a modalidade esteve em alta no país entre 1991 e 2003, e isso é demonstrado pelo fato de que o país participou das seis “Gymnaestrada” consecutivas, de 1991 até 2011, e nos mais recentes, de 2015 e 2019 (THOMAS, 2018).

No início do século XXI é que se foi visto o crescimento das ginásticas competitivas no Brasil, como uma repercussão por conta do destaque que a ginástica

estava tendo em outros países, tanto na GA (que era conhecida anteriormente como Ginástica Olímpica), quanto na Rítmica. Vale ressaltar que os pódios dessas modalidades até pouco tempo ainda eram preenchidos só por europeus e americanos, algo que atualmente já mudou (OLIVEIRA, 2007).

E assim aconteceu a expansão da Ginástica para Todos no Brasil, onde atualmente tem o maior número de praticantes no país, com qualidade, com a maior representatividade internacional. É importante evidenciar que na 10ª Gymnaestrada, o Brasil teve a maior apresentação num evento internacional oficial, contando com a participação de 662 ginastas (THOMAS, 2018).

Atualmente, a Ginástica para Todos tornou-se um movimento que tem como objetivo unir todas as nações por meio do movimento e da atividade física, contribuindo dessa forma para a saúde global e principalmente, a amizade; onde qualquer pessoa pode participar das atividades (FIG, 2021).

A FIG alterou a nomenclatura para Ginástica para Todos em 2006, por acreditar que esse termo evidenciaria e traria um entendimento instantâneo sobre o objetivo da modalidade, que é a prática sem exclusão, ou seja, para todos, independente de gênero, cor, idade, habilidades físicas, biotipo, cultura, ou qualquer outra categoria (BEZERRA; GENTIL; FARIAS, 2015).

### ***3.2.3 Ginástica Para Todos na Escola***

O treinamento da ginástica é fundamental para o indivíduo, pois levando em consideração os aspectos físicos, cognitivos, sociais e psicológicos do aluno, ela contribui para seu desenvolvimento geral. A GPT é uma atividade física básica nas escolas, e hoje em dia raramente é ensinada porque os professores não têm experiência nesse tipo de conteúdo e costumam escolher outras atividades mais conhecidas, como o esporte. Portanto, não é explorado a riqueza da Ginástica Para Todos em proporcionar conhecimentos diversos, os quais não devem ser excluídos do esporte escolar (RAMOS; VIANA, 2008).

A GPT é destacada como um conteúdo exclusivo da Educação Física, sendo assim, entendemos que a EF escolar é responsável por transmitir conhecimentos a respeito da contemporaneidade e que visa promover a todos os alunos um extenso conhecimento

humanitário dentro da escola através da ginástica. Desta forma, ela auxilia a compreensão da diversidade cultural e corporal (BRACHT, 2010).

São apresentados inúmeros desafios que são encontrados diante da aplicabilidade dos conteúdos gímnicos dentro do ambiente escolar, evidenciando que além das dificuldades ainda há locais onde são inexistentes um conteúdo tão essencial e escasso para as crianças durante a EF, conteúdo que é obrigatório e importante para o desenvolvimento (AYOUB, 2001).

Os professores de Educação Física admitem que ensinar a modalidade de ginástica na escola é algo “inalcançável”, afirmam não saber aplicar para os seus alunos, realmente se faz necessário estudos sobre a modalidade para que sua execução seja de forma segura. Mas com a inserção da GPT, o professor pode trabalhar a iniciação da ginástica em diferentes aspectos, além de muitos dos elementos não serem complexos e poderem ser executados no ambiente escolar; sendo assim, deve se promover aos alunos exercícios corporais e se o aluno quiser, ele pode encontrar uma instituição especializada em GPT para melhorar seus movimentos (RAMOS; VIANA, 2008).

Compreende-se a GPT como uma prática corporal de movimento que manifesta diferentes formas de aplicação e com diferentes fins. Ela é uma modalidade esportiva regulamentada pela FIG, pode ser praticada pelo lazer, como uma forma recreativa que promove prazer aos que praticam; como forma de manter uma vida saudável e ativa; ou como forma educacional escolarizada, que é onde estamos tratando, que assume um compromisso de educar e formar alunos ativos e praticantes de esporte na escola (GOMES; GONÇALVES, 2014).

A GPT, antigamente conhecida como Ginástica Geral, é a modalidade que desempenha função de ginástica demonstrativa, deste modo, ela se difere de todas as outras fazendo com que seja totalmente oposta das modalidades esportivizadas, ela não contém pontuações, por isto é classificada como não competitiva (SOUZA, 1997).

De acordo com alguns autores, é na infância que aprendemos involuntariamente de forma espontânea algumas habilidades gímnicas que estão totalmente ligadas ao lúdico. Estas habilidades estão inseridas no ambiente em que vivemos e presente na nossa vida cotidiana, como apresenta o trecho abaixo:

Subir em árvores, por exemplo, é uma prática comum, que para muitos pode ser considerada perigosa, coisa de criança arteira, mas para as crianças está interligada a superação de limites, sensação de realização. Elas sobem em árvores em busca do novo, do desconhecido, do desafio, da liberdade. Assim,

podemos associar os movimentos encontrados na utilização da árvore aos realizados na barra fixa que é um aparelho característico da ginástica artística, utilizado para a realização de provas masculinas, pois as crianças além de treparem, também se penduram, balanceiam, fazem suspensões e saem do aparelho por meio de saltos (PIZANI; RINALDI, 2010, p. 119).

De acordo com Ayoub (2003), a GPT se difere das práticas competitivas e de condicionamento físico, pois ela especialmente está ligada com a ludicidade, movimentos expressivos, e com a capacidade de ser criativo, segmentos que contribuem para o desenvolver global da criança. O fato de não se exigir regras faz com que se inclua outras atividades (dança, jogos, teatro etc.), promovendo desta forma atividades lúdicas de diversão e participação de todos os alunos.

A GPT acompanha alguns fundamentos que constroem a sua prática que formam a base na ginástica. A criação de coreográfica que exige dos alunos um certo nível de criatividade; a diversidade musical fazendo com que eles pensem e utilizem de seus conhecimentos; a inserção cultural; o fato de não ser competitiva promovendo a inclusão; e ao desenvolvimento humano (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016).

Segundo Ramos e Viana (2008), a prática da GPT é o conhecimento que deve ser vivenciado no ambiente escolar, é um desafio porque ainda é um dos poucos conteúdos usados na escola. A GPT se espalhou por meio da pesquisa e ganhou mais espaço pelas descrições detalhadas de profissionais e projetos na área. Por este motivo que a importância da Ginástica Para Todos na escola é enfatizada como Proposta de ensino porque é fácil de criar, não necessita de materiais ou espaço especializado para ocorrer a sua prática.

### ***3.2.4 Ginástica e a deficiência***

O processo de ensino e aprendizagem por muitos anos tem tido o professor como a figura central (tradicional), ou seja, os conteúdos são previamente definidos e são apenas repassados para os alunos. Os processos de ensino estão sendo debatidos e reavaliados, por influência da pedagogia do esporte, é notório o crescimento dos processos de ensino e aprendizagem que tem o aluno-praticante como o centro (HENRIQUE, 2020).

A prática esportiva é de suma importância para o desenvolvimento integral do aluno-praticante, é necessário que se pense no aluno como um todo e considere todas as

suas dimensões, além de possibilitar momentos que foque em diferentes estímulos propositalmente, além da dimensão motora (HENRIQUE, 2020).

Dentro das aulas de Educação Física Escolar, cada aluno recebe os estímulos e desenvolve os conteúdos de alguma forma, sendo possível que alguns conteúdos sejam fáceis, enquanto outros podem ser mais difíceis. Observa-se um local heterogêneo e rico na aprendizagem, pois cada um irá absorver o conteúdo passado de uma forma diferente do outro.

Quando se pensa no contexto da inclusão, nas aulas de Educação Física, é preciso tirar o foco das tendências tecnicistas e de seus gestos eficientes, pois isso pode não ser a melhor forma para o desenvolvimento dos alunos. As aulas devem ser uma porta aberta, com diversidade de conteúdos e experimentações, tendo como caráter a vivência e a construção de conhecimentos. (CARVALHO; ARAÚJO, 2018).

A atuação do professor é o ponto inicial para que a inclusão aconteça, para que consiga explorar os diferentes conteúdos da Educação Física e conseguir adequar de acordo com as necessidades dos praticantes de forma lúdica, a fim de que seja possível a ativa participação de todos (CARVALHO; ARAÚJO, 2018).

Ao longo desse trabalho, apresentamos que a Educação Física escolar possui uma vasta diversificação dos conteúdos, inclusive com caráter obrigatório, de acordo com a BNCC. Dentro da BNCC, a Ginástica aparece como uma modalidade obrigatória a ser explorada dentro das aulas.

A prática da ginástica é essencial para o desenvolvimento integral do aluno, pois trabalha com as dimensões físicas, cognitivas, sociais, afetivas e psicológicas do aluno. Por esse motivo, a GPT tem como intenção quebrar os paradigmas e mostrar que a prática é acessível a todos, por se tratar de uma ginástica de demonstração, não competitiva (RAMOS; VIANA, 2008).

O fato de ser uma modalidade não competitiva, ter por consequência abrir as portas para a prática, quebrando diversos conceitos retrógrados de “corpo ideal a perfeito” e a pressão dos esportes competitivos, fatos esses que tornam a prática com frequência em situações excludentes (RAMOS; VIANA, 2008).

Esse é o objetivo da Ginástica para Todos: a prática de todos, sem nenhum fator de exclusão e onde o respeito às limitações estão presentes, o que possibilita com facilidade a prática de alunos deficientes. Sua prática tem como intuito a promoção de lazer, alegria e situações ricas de socialização, de forma que os indivíduos estejam em



movimento e ao mesmo tempo, alcancem bem-estar físico e mental (RAMOS; VIANA, 2008).

O esporte adaptado de fato ainda carece de divulgação, atenção, estudo e de ser colocado em prática; muitas pessoas ainda não conhecem sobre o assunto; essa falta de informação, impossibilita que pessoas com deficiência desfrutem das práticas esportivas e de seus incontáveis benefícios. Em relação aos benefícios, não somente deve ser considerado a melhora na aptidão física, mas também o aumento da autoconfiança e independência, que faz com que o praticante realize atividades diárias, melhore seu autoconceito e até mesmo sua autoestima (GREGUOL; COSTA, 2013).

Apesar de muito se falar de inclusão por mais de uma década, quando isso acontece na escola, é comum que o aluno não seja inserido nas atividades das aulas de educação física de maneira adequada, mesmo que seja evidenciado pela Constituição Federal de 1988 que a educação, esporte e lazer é direito de todos (GREGUOL; COSTA, 2013).

### **3.3 Deficiência e Autismo**

A inclusão, no ambiente escolar brasileiro, pode se dizer que é uma ação política, cultural, social e pedagógica, que tem por objetivo garantir o direito de todos os alunos de permanecerem integrados em todo o processo, seja aprendendo ou participando dele. (BRASIL, 2007)

[...] o acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p. 15).

A lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, ficou sancionada e deste modo a pessoa com Transtorno do Espectro Autista passa a ser visualizado igualmente pela sociedade brasileira no art. 3º da lei. Assim, afirma que são seus direitos:

Art. 3º- I - A vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - A proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - O acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante; b) à moradia, inclusive à residência protegida; c) ao mercado de trabalho; d) à previdência social e à assistência social (BRASIL, 2012).

Os profissionais da educação da rede de ensino e aprendizagem são incluídos e incentivados a fazerem formações e capacitações para se profissionalizarem e melhor atender as pessoas com transtorno do espectro autista, e até mesmo saber como atender e lidar com pais e responsáveis (BRASIL, 2012).

A consistência entre esses profissionais pode facilitar o desenvolvimento e estimular a concentração e, conseqüentemente, o aprendizado. Outro ponto a ser discutido é o quadro de profissionais da unidade escolar que irão trabalhar com os estudantes autistas. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar a formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado e de profissionais de apoio (BRASIL, 2015).

Art. 1º - É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015).

Os sistemas de educação, teriam como uma obrigação trazer recursos de aprendizado para os professores e demais profissionais da educação, a fim de mostrar meios de apreciar as “características” da pessoa com TEA, e formas de tratamento para que sejam tratados igualmente sem exceções e peculiaridades (BRASIL, 2008; 2012).

Cabe a todos que tais jurisdições são tomadas e afirmadas na legislação caso não possa ser cumprida pelo poder público, poderá haver contratação do setor privado. Sendo assim, é necessário que a direção escolar e a comunidade escolar busquem que o prescrito se torne realidade em sua rede escolar (BRASIL, 2012).

De acordo com o Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011, é uma “obrigação” do Estado garantir um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino, ocorrendo de preferência na rede regular de ensino. Conforme o Art. 2, do Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011:

Art. 2º- O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas (BRASIL, 2011, p.01).

### ***3.3.1 O que é Autismo e quais suas características***

O Autismo e as condições relacionadas (espectro autista ou TEA’S) são transtornos que apresentam déficit significativos na dimensão social, tendo essa dificuldade na socialização como sua principal característica (VOLKMAR, 2018).

Até alguns anos eram classificadas de diversas formas, atualmente o autismo e suas condições são denominadas como TEA. De acordo com a DMS-5 (2014), o TEA está classificado em 3 níveis.

O nível 1 é o nível leve, no qual “não necessita” de apoio, mas em sua falta, há prejuízos notáveis. Comumente, essas pessoas tendem a ter dificuldade e apresentam interesse reduzido para interações sociais; essa pessoa consegue se envolver na comunicação e construir frases completas, mas apresentam falhas durante a conversação e durante as tentativas de criar amizades (DMS-5, 2014).

O nível 2 é o nível moderado, nesse nível é necessário o apoio, as pessoas que se classificam nessa categoria apresentam déficits graves na comunicação verbal e não verbal, há limitações nas interações sociais mesmo com apoio. Comumente essas pessoas falam pouco, constituída por frases simples e relacionados apenas a assuntos específicos, o que limita suas interações (DMS-5, 2014).

O nível 3 é o nível grave, no qual o apoio é extremamente necessário, essas pessoas tem grande déficit nas comunicações verbais e não verbais, tendem a falar poucas palavras, e raramente inicia as interações e reage ou corresponde apenas a abordagens muito específicas (DMS-5, 2014).

O Autismo tem sua causa desconhecida, mas se trata de um distúrbio neurofisiológico; alguns pesquisadores o associam a alterações bioquímicas, e outros associam a um distúrbio metabólico hereditário, como: meningites, rubéola antes do nascimento ou até mesmo lesões cerebrais, apesar de que ainda existem muitas dúvidas em relação ao autismo e essas doenças (COELHO; SANTO, 2006).

As causas específicas de como se desenvolve o autismo ainda não são confirmadas, apesar de que a base genética é importante, mas somente com fatores adicionais internos ou externos que poderia eventualmente levar ao autismo (COELHO; SANTO, 2006).

Mas parecer ser concluído que o autismo é resultado de uma perturbação durante o desenvolvimento do Sistema Nervoso Central, que ocorre durante a gravidez (antes do nascimento) e afeta a função cerebral em diversas áreas, mas de forma agravante, na interação e comunicação social. Apesar dessa perturbação acontecer durante o desenvolvimento embrionário, não é possível diagnosticá-la, pois o autismo não se manifesta de nenhuma forma física, o que impossibilita o diagnóstico ocorrer nas primeiras semanas e até mesmo nos primeiros meses de vida (COELHO; SANTO, 2006).

O transtorno autista foi descrito pelo Doutor Leo Kanner, em 1943, ele descreveu como “um distúrbio inato do contato afetivo”, ele quis dizer que os portadores do autismo não tinham interesse comum por outras pessoas ou por ter contato em ambientes sociais (VOLKMAR, 2018).

O Dr. Kanner fez um relato de 11 crianças autistas e fez uma descrição detalhada de cada comportamento diferente que cada uma dessas crianças apresentava; ele evidenciou que essas crianças demonstravam insistência com as mesmas coisas e resistiam às mudanças, ou seja, mantinham uma rotina sempre igual, seguindo a mesma ordem nos afazeres, por exemplo: utilizando dos mesmos caminhos durante locomoções. O termo “resistência à mudança” tem relação com os comportamentos frequentes executados pelo autista, até mesmo sendo motores, como por exemplo: o balanço do corpo, o andar nas pontas dos pés e o sacudir as mãos, ele dizia que esses tipos de repetições de comportamentos estavam auxiliando a criança em relação a permanência das mesmas coisas (VOLKMAR, 2018).

Leo Kanner diz em seu relato que as duas características essenciais para se diagnosticar o autismo: sendo o primeiro, o isolamento e déficit social e em seguida, os comportamentos anormais e a insistentes (VOLKMAR, 2018).

Somente em 1970 foi concluído que o autismo era caracterizado por um déficit no desenvolvimento social, de forma grave; déficit na linguagem e demais habilidades de comunicação; resistência às mudanças, inflexibilidade na rotina e a insistência nas mesmas coisas; além disso, é possível identificar somente nos primeiros anos de vida. Com o decorrer do tempo, encontra-se novos modos de se diagnosticar o autismo (VOLKMAR, 2018).

Hans Asperger em 1944 produziu um trabalho que dizia sobre alguns meninos que tinham problemas sociais, mas apresentavam uma boa linguagem, além disso, evidenciou que eles demonstravam interesses especiais em diversos temas, podendo ser de qualquer tema (VOLKMAR, 2018).

A Síndrome de Asperger é um estado do autismo, que normalmente tendem a ter maior adaptação funcional, como já documentado, são pessoas que tem dificuldades nas relações interpessoais, mas tem interesse em saber o maior número de informações possíveis sobre alguns tópicos específicos, que podem variar sobre qualquer assunto.

Os autistas apresentam muita dificuldade para se comunicar, algumas se quer conseguem, seja de forma verbal ou não verbal, em sua maioria, o uso da linguagem verbal é muito limitada (COELHO; SANTO, 2006).

### **3.3.2 O Autismo e a Escola**

É notório que ainda não existe um método formal exclusivo para a alfabetização de crianças com transtornos globais do desenvolvimento, além de muitas delas poderem aprender a ler e a escrever. O processo de ensino, porém, leva tempo e o resultado é variável, de acordo com o neuropsicológico da criança (MERCADANTE; ROSÁRIO, 2009).

“O que é deficiência para uma sociedade, pode não ser para outra.” (CANGUILHEM, 2009, p. 3).

De acordo com Alves, Lisboa e Lisboa (2010, apud Camargos, 2000), os autistas necessitam de apoio familiar e de pessoas próximas para que os tratem com normalidade,

a fim de, tentar melhorar o convívio destes, através de tratamento especializado e focado em áreas específicas da sua necessidade como por exemplo: psicólogos, fonoaudiólogo, terapeutas, área escolar etc.

O autista consegue ter e desenvolver diversas formas de manifestações intelectuais, sendo que, não são todos aqueles autistas que se encontram preparados para entrar em uma escola e se incluir. Dentre as principais características do aluno e do ambiente se encontra obstáculos, principalmente por parte da escola, em obter professores aptos a aplicarem suas aulas inclusivas, das adaptações que são necessárias e das características de cada aluno podendo acontecer de ter um aluno autista com alto nível de inteligência e desenvolvimento como também acontecer ao contrário e os que se adaptam facilmente em escolas regulares e aqueles que necessitam de uma escola especializada para conseguirem maior atenção (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010).

A escola e os professores devem estar atentos aos meios de inserção desse aluno numa rotina escolar regular, pensando e se prontificando a estar oferecendo o que o aluno precisa, principalmente se tratando de profissionais capacitados.

Pode-se afirmar que a indiferença presente nos autistas, são consideradas como “estranhas” e “assustadoras”, onde sempre causam olhares e comentários desnecessários muitas vezes por falta de conhecimento. Fazendo-se de suma importância que professores saibam incluir seus alunos evitando o constrangimento, promovendo a participação e cooperação de todos (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010).

Os autistas conseguem demonstrar suas diferentes e diversas formas de socializar por meios que muitas vezes são travados, por motivos de dificuldade de se relacionar com o outro, por este motivo muitos autistas são “excluídos” das escolas por receio de não conseguirem se desenvolverem por não conseguirem manter um contato social com o ambiente escolar (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010).

Segundo Camargo e Bosa (2009, p. 65): “a noção de uma criança não-comunicativa, isolada e incapaz de mostrar afeto não corresponde às observações atualmente realizadas.”

A formação de profissionais da educação, que se profissionalizam e investem no conhecimento sobre a educação especial começou a ocorrer recentemente, como área específica de trabalho. São muitas áreas e pessoas que querem trabalhar, com este público em especial, e passar todo dia por grandes desafios, se superar a cada dia e buscar sempre a constante evolução. Infelizmente, estes alunos autistas surgem no âmbito escolar antes da formação e preparo para os professores, mas atualmente consegue-se promover para

os profissionais uma formação continuada para todos (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010).

De acordo com Alves, Lisboa e Lisboa (2010, p.11):

Os principais documentos que subsidiam a formulação de políticas públicas de Educação Especial, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Declaração de Salamanca (1994), a Declaração de Guatemala (1991) e a Lei n. 9394 de Diretrizes e Bases da Educação (1996), enfatizam a igualdade e o direito à educação para todo cidadão. No entanto, quando se trata do indivíduo portador de autismo, é importante analisar alguns aspectos relevantes para o entendimento das suas necessidades educacionais.

A formação do professor no ambiente escolar através da inclusão se dá por capacitação, fazendo com que tornem orientados, preparados para atuar diretamente na necessidade em que cada aluno possui. É fato que ocorre certo medo ao trabalhar com os alunos autistas pelas suas características presentes como a agressividade, porém, a falta de conhecimento sobre o assunto é tão evidente que estes profissionais não conseguem identificar que a agressividade não é uma característica que sempre encontrará no aluno autista (VIEIRA; BALDIN; FREIRE, 2015).

De acordo com Alves, Lisboa e Lisboa (2010, apud BURACK; ROOT; ZIGLER, 1997), apesar de tantos estudos mostrarem documentos que possibilitam uma inclusão para os alunos autistas, nota-se que são baixas as possibilidades de acontecer uma inclusão absoluta. Pois as probabilidades presentes em estudos onde falam sobre inclui-los, apresentam que são baixas as chances de os alunos alcançarem todos os objetivos, sem que tenha uma garantia de qualidade e acessibilidade. Não haverá esperanças disso acontecer, infelizmente acontecem ao se incluir o aluno com esta deficiência ao meio, tudo só começará a acontecer quando o respeito, empatia, flexibilização de conteúdo e empenho na inclusão deste aluno durante as aulas fizerem parte do cotidiano escolar.

O ambiente inadequado para se ocorrer a inclusão, onde não se encontra recurso apropriado para receber alunos autistas, causa danos no lugar que poderiam originar muitos ganhos para a vida dos alunos em seu desenvolvimento. Quando fazemos uma inclusão de forma apropriada, mesmo com diversos déficits de aprendizado e dificuldades escolares, eles conseguem se desenvolver socialmente e criar suas próprias experiências (VIEIRA; BALDIN; FREIRE, 2015).

Segundo Vieira, Baldin e Freire (2015, apud UNESCO, 2003, p. 17-18): “A Educação inclusiva é caracterizada como uma política social que se refere a alunos com necessidades educacionais especiais, tomando-se o conceito mais amplo.”

A Declaração de Salamanca (1994) diz que:

O princípio fundamental desta “Linha de Ação” é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições, físicas, intelectuais, emocionais, linguística e outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizados.

Durante o processo inclusivo é de grande importância que os professores, da instituição de ensino além de conhecer o aspecto individual de cada aluno ele deve ter atenção quanto a criança autista, observando o comportamento de cada uma das crianças e abordar métodos de ensino que proporcione a inclusão principalmente social (VIEIRA; BALDIN; FREIRE, 2015).

Encontramos diversos obstáculos ao trabalhar com alunos autistas, principalmente na grande dificuldade de se comunicar (social), agressividade (em alguns), insegurança, dúvidas na prática pedagógica e de como abordar e incluir estes alunos, e a falta de apoio e recursos da parte técnica (VIEIRA, BALDIN, FREIRE, 2015).

A educação inclusiva deve ser sinônimo de uma educação de qualidade, que garanta uma escola integradora para todos os alunos, o grande movimento de inclusão no Brasil, se deu nos anos 80 onde os alunos que necessitavam de atenção especial e eram amparados (VIEIRA, BALDIN, FREIRE, 2015).

“Ideias e conceitos não condizentes com a realidade sobre o autismo, principalmente a partir da mídia, influenciam as expectativas do professor sobre o desempenho de seus alunos, afetando seu modo de agir de forma eficaz.” (CAMARGO; BOSA, 2009, p. 65).

Segundo Camargo e Bosa (2009, p. 65): “As habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social.”

### **3.3.3 O Autismo e a GPT**

A GPT é conhecida por ser uma mistura de todas as outras ginásticas, pois se utiliza elementos e movimentos de todas elas, apesar de não ter regras já pré-estabelecidas (AYOUB; 2001). Vale evidenciar que apesar da GPT se consistir numa mescla, todas as ginásticas existentes partiram de uma base e essa base é a Ginástica Artística, por esse motivo, os benefícios das práticas são semelhantes.



Durante todo o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física percebe-se visivelmente, todas as formas de beneficiar o praticante, sendo que, neste caso são os alunos. Toda forma de se movimentar passam em suas mentes, deste modo, suas mentes trabalham junto do corpo para se movimentarem e expressarem, ou seja, tem uma dependência do outro (CARMO, 2014).

Para Carmo (2014, p. 26): “O professor de Educação Física tem um papel fundamental no conhecimento e aprimoramento no que diz respeito ao desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo do aluno.”

O professor (a) almeja que seus alunos, crianças ou adolescentes, se desenvolvam a fim de terem sua autoconfiança, pois acredita-se que desta forma eles se sentirão seguros para enfrentarem empecilhos postos, e consigam alcançar objetivos, sendo eles motores, socioafetivos etc. Embora seja difícil, eles contribuem para o desenvolvimento integral do dia a dia, além de melhorar seu desenvolvimento escolar (CARMO, 2014).

Quando ouvimos sobre aulas de Educação Física, tendemos a valorizar a parte motora, claramente o desenvolvimento motor e de habilidades se faz presente dentro da prática da Ginástica para Todos, valendo evidenciar que é uma prática de muitas experiências motrizes, na qual não se encontra igual em nenhum outro esporte ou modalidade. Apesar disso, dentro dessa prática, em especial, devemos evidenciar o quão valoroso é para a dimensão socioafetiva.

De acordo com Carmo (2014), a interação social promove a socialização entre o grupo e as outras pessoas; Inclusão: proporciona a participação de todos (ex. autistas durante as aulas); Acessibilidade: todos podem participar, independe de idade, gênero e habilidade específica; Cooperação: eu faço ginástica com alguém e não contra alguém; proporciona bem-estar físico e mental, gerando melhor qualidade de vida para aqueles que participam.

A ginástica escolar valoriza a cultura, sendo assim, pode-se ocorrer uma valorização da cultura de cada região; aproveitando-se do aluno suas vivências anteriores. Ela integra movimentos da cultura corporal, da Ginástica, das Artes e da Dança em apenas uma, para que todos os alunos se expressem da forma que se sentirem confortáveis. E logo o uso da criatividade, com a criação de novas formas de se movimentar, era esperado que as crianças ressignificassem os movimentos e houvesse a participação de todos (CARMO, 2014).

Durante diversos estudos observamos inúmeros benefícios presentes durante as aulas de ginástica escolar, todos contribuem para o desenvolvimento de todos os que praticarem, sem restrições.

A prática e as atividades proposta pela GPT no ambiente escolar é de grande privilégio, pois são realizadas de forma espontânea e criativa, a partir da interação com o outro e após um exame à cerca das pessoas e a realidade. Por esse motivo, é valiosa, afinal vem acompanhada do desenvolvimento da autonomia, da liberdade, além da habilidade em relação ao convívio social. Sua função principal é a socialização, além de solidariedade e identificação social, o que faz com que o praticante aumente suas possibilidades e intensifique os meios de comunicação (TORRES; CORREA, 2011).

Determinados exemplos específicos de como a prática pode beneficiar os alunos durante as aulas de ginástica: coordenação motora – desenvolve nos alunos o equilíbrio, noção de tempo espaço corporal e coordenação na execução de movimentos gímnicos. Confiança – como todo conteúdo passado no ambiente escolar a ginástica é ensinada do movimento mais simples para o mais difícil, desta forma, ela respeita a individualidade de cada um passando confiança para executarem no seu tempo sem pular fases do processo. Disciplina – o esforço de cada um só é alcançado com disciplina, utilizamos o trabalho em equipe, onde cada um deve se esforçar para obter um resultado que terá sua recompensa de reconhecimento em ter conseguido. Organização – a organização vai além de exercê-la em uma aula, ela deve ser sempre presente, e na aula ginástica não se faz diferente.

Sendo assim, ela nos ensina a enfrentar os desafios de forma concentrada e organizada. E não menos importante a criatividade – que proporciona nos praticantes uma maior utilização de sua imaginação. Durante as aulas, os alunos se exploram de forma “livre”, para demonstrar seus gestos e formas de expressar suas diversas manifestações de cultura corporal do movimento. Todos esses benefícios são desafiadores, mas que são desenvolvidos de forma espontânea (CARMO, 2014).

De acordo com AYOUB (2001, p. 31):

Aprender ginástica geral na escola significa, portanto, vivenciar, conhecer, estudar, compreender, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender inúmeras interpretações da ginástica para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica.

A aplicabilidade da GPT no âmbito escolar, oportuna a possibilidade do trabalho com materiais convencionais e os não convencionais; valoriza-se o aluno individualmente, respeitando suas limitações durante a aula; além de promover a educação por se tratar de uma atividade pedagógica.

Esta modalidade não possui elementos obrigatórios em sua prática, desta forma, podemos utilizar de toda criatividade para aproveitar de objetos alternativos em aula; proporciona a elaboração de coreografias possibilitando a execução em pequenas ou grandes áreas disponível na escola, além de proporciona prazer, alegria, beleza e estética ao mostrar algo bonito.

A adaptação dos materiais (criação de materiais alternativos) torna a prática da GPT possível na escola, além disso, desenvolve a criatividade, trabalha com o lúdico, além de que a tomada de decisão e confecção de tais materiais se faz entre os alunos, o que trabalha de forma direta a socialização (TORRES; CORREA, 2011).

Durante a prática da GPT, o principal foco está no aluno praticante, no objetivo de promover a integração entre todos do grupo, além de desenvolver interesse pela prática, prática esta que está totalmente vinculada a criatividade e a liberdade de expressão (AYOUB, 2001).

A GPT integra incontáveis possibilidades de prática, o que se torna prazeroso para os alunos, por conta de suas características de inclusão, criatividade, cooperação, expressividade e por ter as relações sociais valorizadas (TORRES; CORREA, 2011).

A prática da Ginástica para Todos no ambiente escolar tem por consequência uma grande colaboração integral do aluno, assim como para a formação como cidadão (TORRES; CORREA, 2011).

Pelo fato de a GPT contar com a ausência de competições suas regras se tornam simples, fazendo com que tenha um espaço amplo e livremente aberto para colocar em prática toda forma de expressão, beneficiando todos os alunos e abrindo espaço para opinarem, já que não contém regras pré-definidas.

Todos esses benefícios apresentados são de extrema relevância e tende a otimizar muito a parte socioafetiva do aluno autista, uma vez que sua maior dificuldade é em relação a interação com o próximo. Essa modalidade além de ser abrangente, respeita muito a individualidade, a sua prática para o desenvolvimento da dimensão socioafetiva do aluno autista é válida e tende a trazer muitos resultados positivos.

Por esse motivo, a GPT é uma modalidade na qual traz diversos benefícios para o aluno autista, pois reformula, traz benefícios e desenvolvimento para sua maior dificuldade: a socialização e o desenvolvimento socioafetivo.

“Acredito numa ginástica geral na escola na qual ninguém precisa ser “café-com-leite” pois todos os seus participantes, com seus corpos singulares, deverão ser respeitados e valorizados em suas diferenças.” (AYOUB, 2001).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que esse trabalho conseguiu alcançar os objetivos propostos inicialmente, por meio da elaboração e disponibilização de um material didático para subsidiar o professor de Educação Física no desenvolvimento da Ginástica Para Todos nas aulas de Educação Física Escolar, por meio de um referencial “novo” para os professores, que é a BNCC.

De acordo com Costa e Gomes (2020, p. 9):

Entende-se que o desafio imposto no sentido de ressignificar o ensino da Ginástica na escola passa por diversas esferas relacionadas ao processo de seleção, organização, ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares, contudo, esta pesquisa aponta a necessidade de apontar novos caminhos para a Educação Física na escola como componente curricular, e em particular da Ginástica na perspectiva da cultura corporal. Embora o envolvimento dos estagiários e estagiárias com a nova BNCC tenha ocorrido de forma limitada, ficando a cargo de iniciativas pessoais, acreditamos que as experiências vividas nas escolas sempre serão significativas no sentido da apropriação do acervo das formas de representação do universo da cultura corporal, auxiliando na sua leitura de mundo.

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu conhecer os benefícios que a prática da GPT traz principalmente nos princípios e valores que almejamos trabalhar nas atividades. Sendo eles: Valorização Cultural, Diversidade, Regras Simples, Criatividade e Interação Social.

Sendo assim, variando do grau em que se encontrar comprometido, a possibilidades de o autista conseguir desenvolver suas habilidades físicas, comunicação verbal e principalmente sua dimensão socioafetiva, desde que seja trabalhado respeitando suas limitações, considerando que ele possa ter mais dificuldade em algumas dimensões do que alunos não deficientes. Deste modo, acercar-se as limitações do autista se comparado a uma pessoa sem deficiência não é um trabalho impossível. Neste sentido, o papel da escola como espaço inclusivo é mais do que fundamental, é indispensável, dependendo do quadro clínico da criança autista, principalmente para o aluno desenvolver suas habilidades que muitas das vezes são escondidas e não aceitas.

O ensino da GPT no ambiente escolar apresenta algumas preocupações. No ambiente escolar, sua prática não é tão comum, por limitações profissionais, de infraestrutura ou de materiais; porém, ao longo do trabalho, evidenciamos como é

possível e fácil a aplicação dessa modalidade, principalmente por conta dos materiais que são acessíveis. Quanto a sua execução, é super importante para o desenvolvimento integral dos alunos, assim como traz diversos benefícios para o autista, principalmente na dimensão afetivo social.

Sendo a Ginástica Para Todos uma prática que não necessita de um grande espaço para seu desenvolvimento observamos uma visão equivocada, o que pode estar relacionado com a dificuldade de conceituação da modalidade, ou seja, dificuldade de entendimento da definição da GPT.

“É preciso ter coragem para cumprir o papel de educador e levar os alunos a ultrapassarem o conhecimento de massa que a mídia oferece, saindo da ingenuidade para uma curiosidade, um aprofundamento na reflexão sobre a cultura corporal” (TORRES; CORREA, 2011, p.12).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Márcia de Mesquita Cardoso; LISBOA, Denia de Oliveira; LISBOA, Denise de Oliveira. Autismo e Inclusão Escolar. **IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Laranjeiras - SE**, 2010. Disponível em: [http://educonse.com.br/2010/eixo\\_11/e11-25a.pdf](http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf).

AYOUB, Eliana. ANAIS DO FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, Campinas, Sp. **A Ginástica Geral no contexto escolar**. Campinas, SP, 2001. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2016/arquivos/anais/01-forum-internacional-de-ginastica-geral-2001.pdf#page=49>. Acesso em: 28 out. 2021.

AYOUB, Eliana. Ginástica geral e Educação Física escolar. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139594>.

BEZERRA, Ludmila de Andrade; GENTIL, Raphael do Nascimento; FARIAS, Gelcemar Oliveira. A Ginástica para Todos na formação inicial: do contexto histórico à produção do conhecimento. **Pensar A Prática**, Goiânia, Go, v. 18, n. 3, p. 739-751, jul./set. 2015.

BRACHT, Valter. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz. 3ª edição. Ijuí: Unijuí, 2007.

BRACHT, Valter. A Educação Física no Ensino Fundamental. In: SEMINÁRIO NACIONAL, : CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensinofundamental-walter-bracht/file>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BRASIL. Constituição Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 15 mar. 2021

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, nov. 2011.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção Dos Direitos da Pessoa Com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, p. 12764, 27 dez. 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/lei/12764.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/lei/12764.html). Acesso em: 07 ago.2021.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União de 07 de julho de 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato\\_2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato_2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em: 07 ago.2021.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> acessado em: 07 ago.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas. Brasília: MEC, 2007.

BURACK, Jacob A.; ROOT, Rhoda; ZIGLER, Edward. Inclusive education for students with autism: Reviewing ideological, empirical, and community considerations. In: Cohen DJ, Volkmar F, editors. Handbook of autism and pervasive developmental disorders. New York: Wiley; 1997. Acessado em: 05 out.2021.



CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & sociedade**, v. 21, p. 65-74, 2009. Acessado em: 20 out.2021.

CAMARGOS, Oliveira. Rio de Janeiro. Autismo. Revista Paradoxo. 2000, p. 28. Acessado em: 20 out.2021.

CANGUILHEM, Georges. O normal e o patológico. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009, p. 3. Acessado em: 20 out.2021.

CARMO, Rosivane Aparecida do. A ginástica geral como conteúdo da educação física escolar: possíveis benefícios. 2014 acessado em: 16 out.2021.

CARVALHO, Camila Lopes de; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Inclusão escolar de alunos com deficiência: interface com os conteúdos da educação física. **Educación Física y Ciencia**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 41, 29 jan. 2018. Universidad Nacional de La Plata. <http://dx.doi.org/10.24215/23142561e041>. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2314-25612018000100001&lang=pt](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2314-25612018000100001&lang=pt). Acesso em: 6 ago. 2021.

CARVALHO, Kássia Mitally da Costa. Avanços e discontinuidades das ginásticas no Ceará (1996-2017). 2018. 1 recurso online (175 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: Acesso em: 10 abr. 2021

CARVALHO, Kássia Mitally da Costa, et. al. Ginástica para todos no Ceará: história da modalidade no estado. **Conexões**, [S.L.], v. 14, n. 4, p. 3, 31 dez. 2016. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/conex.v14i4.8648068>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648068/14925>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CBG. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Ginástica geral**. Disponível em: <https://www.cbginastica.com.br/historia>. Acesso em: 01 jun. 2021.

COELHO, Madalena; SANTO, Antónia Espírito. **Autismo**: perda de contato com a realidade exterior. 2006. 33 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação, Centro de Formação Contínua de Professores de Ourique, Ourique, Castro Verde, 2006.

COSTA, Andrize Ramirez; GOMES, Catarina Polino. Ginástica Geral na BNCC: percepção de alunos de licenciatura em Educação Física. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 142-152, 2020. Disponível em: [https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpo\\_consciencia/article/view/9903](https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpo_consciencia/article/view/9903). Acesso em: 29 mar. 2021

DAOLIO, Jocimar. Cultura, Educação Física e Futebol. Educação Física Escolar: uma abordagem cultural, Campinas: Unicamp, 2002.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.

DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FIG. FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **General Gymnastics**: Gymnastics for All. History. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/hist-gfa.php>. Acesso em: 31 maio 2021.

FIG. FEDERATION INTERNATIONAL GYMNASTIQUE. History: it all started... 2021. Disponível em: <<http://www.fig-gymnastics.com/site/about/federation/history>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FIG. FEDERATION INTERNATIONAL GYMNASTIQUE. Gymnastics for all: manual of regulations. 2021. Disponível em: <[http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/gfa/2021\\_GFA\\_manual-e.pdf](http://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/gfa/2021_GFA_manual-e.pdf)>. p.3 Acesso em: 10 abr. 2021.

FILIPE, Fabiana Alvarenga; SILVA, Dayane dos Santos; COSTA, Áurea de Carvalho. Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, São Paulo,

2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362021005003202&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362021005003202&lang=pt) . Acesso em: 12 mar. 2021.

FRANCISCO, Maloá de Fátima. **Ressignificação da Ginástica na Escola:** proposta da ginástica para todos na educação física anos iniciais. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Educação Física, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13013/Malo%c3%a1%20disserta%3%a7%c3%a3o%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 mar. 2021.

GOMES, Nayara do Socorro, GONÇALVES, Edvânia da Silva. Ginástica na educação física escolar: reflexões acerca da estrutura organizacional de seus conteúdos. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2014.

GREGUOL, Márcia; COSTA, Roberto Fernandes da; Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 3 ed. rev. e ampl. Barueri-SP Editora Manole, 2013. ISBN: 9788520450048.

HENRIQUE, Nayara Ribeiro. **Aula centrada no aluno e aula centrada no professor:** experiência na ginástica para todos. 2020. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-14052021-203514/publico/Nayana\\_Ribeiro\\_Henrique\\_corrigida1.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-14052021-203514/publico/Nayana_Ribeiro_Henrique_corrigida1.pdf). Acesso em: 6 ago. 2021.

HENRIQUE, Stéfane Ketreen. **A Ginástica na BNCC e site educacional:** uma proposta para aulas de educação física escolar. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/156414/000897565.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 mar. 2021.

JUNIOR, Antônio. A Ginástica para Todos como prática pedagógica em uma Escola Municipal de Conceição de Araguaia-PA. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE

GINÁSTICA PARA TODOS, VIII. Outubro 2016, Campinas, Sp. **Anais [...]**. Campinas, SP, 2016. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2020/anais#>. Acesso em: 10 de abr. 2021.

KAUFFMAN, Alessandra et al. A produção do conhecimento em Ginástica Geral: uma análise em teses e dissertações de 1980 a 2012. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, VIII. Outubro 2016, Campinas, Sp. **Anais [...]**. Campinas, SP, 2016. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2020/anais#>. Acesso em: 10 de abr. 2021.

LADEIRA, Maria Fernanda Telo.; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física e linguagem: algumas considerações iniciais. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP. Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n1/Ladeira.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, S.A, 2003. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india). Acesso em: 25 mar. 2021.

MARTINS, Danielle Fabiane et al. O esporte como papel de uma reunião social. Revista Eletrônica Ciências da Educação, Santa Catarina, v. 1, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/482/371>. Acesso em: 01 nov. 2021.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar do Brasil. Revista Brasileira de Educação, São Carlos, Sp, v. 11, n. 33, p. 387-559, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KgF8xDrQfy5GwyLzGhJ67m/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

MERCADANTE, Marcos Tomanik; ROSÁRIO, Maria Conceição do. Autismo e Cérebro Social. 1ª edição. São Paulo: Segmento Farma, 2009. Acessado em: 10 out.2021.

MORENO, Natália Lopes; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Influências da prática da Ginástica Para Todos para a saúde na velhice: percepções dos praticantes. **Conexões**, Campinas, SP, v. 16, n. 4, p. 468–487, 2018. DOI: 10.20396/conex.v16i4.8653930. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653930>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MUNIZ, Tamirez; CONCEIÇÃO, Krycia. A importância da Ginástica Geral no desenvolvimento físico e social de alunos de uma escola particular do município de Conceição do Araguaia-PA. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, VIII. Outubro 2016, Campinas, Sp. **Anais [...]**. Campinas, SP, 2016. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2020/anais#>. Acesso em: 10 de abr. 2021.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. A Ginástica para Todos: perspectivas no contexto do lazer. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, SP, v. 6, n. 1, p. 27-35, 2007. Disponível em: Nara Rejane Cruz de. Acesso em: 31 maio 2021.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de; LOURDES, Luiz Fernando Costa de. GINÁSTICA GERAL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 221–230, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v7i2.97. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/feef/article/view/97>. Acesso em: 13 abr. 2021.

OMOTE, Sadao. Deficiência e Não-Deficiência: Recortes do Mesmo Tecido, in Revista Brasileira de Educação Especial. SP, p. 19 acessado em: 17 out.2021.

RAMOS, Eloiza da Silva Honório; VIANA, Helena Brandão. A importância da ginástica geral na escola e seus benefícios para crianças e adolescentes. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 9, n. 13, p. 190-199, jul./dez. 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Helena-Viana/publication/26576551\\_A\\_importancia\\_da\\_ginastica\\_geral\\_na\\_escola\\_e\\_seus\\_beneficios\\_para\\_crianças\\_e\\_adolescentes/links/0046352030a0113abe000000/A-importancia-da-ginastica-geral-na-escola-e-seus-beneficios-para-crianças-e-adolescentes.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Helena-Viana/publication/26576551_A_importancia_da_ginastica_geral_na_escola_e_seus_beneficios_para_crianças_e_adolescentes/links/0046352030a0113abe000000/A-importancia-da-ginastica-geral-na-escola-e-seus-beneficios-para-crianças-e-adolescentes.pdf). Acesso em: 30 maio 2021.

SANTOS, Thyago Thacyano de Souza dos; et. al. A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso. *Conexões*, Campinas, SP, v. 16, n. 4, p. 450–467, 2018. DOI: 10.20396/conex.v16i4.8653973. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653973>. Acesso em: 30 maio. 2021.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **Ginástica Geral**: uma área de conhecimento da educação física. 1997. 163 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997. Disponível em: [vwwwcchttp://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275311/1/Souza\\_ElizabethPaolielloMachadode\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275311/1/Souza_ElizabethPaolielloMachadode_D.pdf). Acesso em: 13 abr. 2021.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. Materiais alternativos na Ginástica para Todos. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS, VIII. Outubro 2016, Campinas, Sp. **Anais [...]**. Campinas, SP, 2016. Disponível em: <https://www.forumgpt.com/2020/anais#>. Acesso em: 10 de abr. 2021.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke et al. Formação de professores de educação física para a cidade e o campo. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 153-179, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3485/1/166-866-2-PB.pdf> Acesso em: 17 mar. 2021.

THOMAS, Suzana. **Ginástica para Todos**: GPT. 2018. Disponível em: <https://ginasticario.com.br/wp-content/uploads/2018/08/GPT-Diretrizes-Historico-Provis%C3%B3rio-FGERJ2018.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA, Myrian (Org.) *Fundamentos das ginásticas*. 2. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

TORRES, Thatiana; CORREA, Cláudia Xavier. A Ginástica Geral nas perspectivas construtivista e crítico-superadora: possibilidades de aplicação na educação física escolar. *Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery*, Juiz de Fora, Mg, n. 10, p.

1-20, jan./maio 2011. Disponível em: [re.granbery.edu.br/artigos/NDE4.pdf](http://re.granbery.edu.br/artigos/NDE4.pdf). Acesso em: 28 out. 2021.

UNESCO. ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Declaração Mundial sobre Educação Para Todos** (Conferência de Jomtien). Tailândia: Unesco, 1990. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990> . Acesso em: 16 mar. 2021.

VIEIRA, Neuza Maria.; BALDIN, Sandra Rosa.; FREIRE, Raísa Souza. **INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM AUTISMO: O que diz a literatura**. GT5- Educação, Comunicação e Tecnologia. Disponível em: <http://faculdadepatosdeminas.edu.br/pdf/meta.pdf>.

VOLKMAR, Fred R. **Autismo: Guia Essencial para Compreensão e Tratamento**. Artmed Editora LTDA. Santana- Porto Alegre. Grupo A, 2018.